

## Memórias de Meu Tempo de Aluna na FACED (1968 – 1971)

*Lindyr Saldanha*

Escrever sobre minhas memórias na Faculdade de Educação – FACED da Universidade Federal do Ceará - UFC é como voltar à infância, ou abrir um antigo álbum de velhas fotos em preto e branco com fatos ocorridos há muito tempo, coloridos com emoção e saudade... Naqueles tempos, havia mais tranquilidade, maior proximidade, acho que mais afeto.

A Faculdade se compunha fisicamente de um só prédio grande, o bloco 123, e a casinha em anexo onde funcionava o Laboratório de Psicologia do Professor Francisco José do Amaral Vieira, onde atualmente funciona o novo auditório. Assim como as instalações, a "população" era também pequena e todos se conheciam. Rodeada de árvores e vegetação, a FACED era um local agradável como um sítio. Silenciosa, nem parecia estar situada próxima a uma avenida movimentada. Nos altos ficava a pequena biblioteca, com duas salas – a do acervo e a de leitura. Em baixo as salas de aula. Os professores se localizavam nos gabinetes e a Sala de Reuniões era no final do corredor.

A Diretoria tinha uma sala pequena ao lado da Secretaria e Coordenação. Não havendo informática, ouvia-se o alegre ruído das

máquinas de escrever. Era o território sagrado regido pelo Diretor Gomes e a Secretária Dona Darcy. Tudo era organizado e arquivado em fichários e os diários de classe eram em formas de livros. Mesmo sem computadores tudo funcionava. Os processos estavam sempre prontos a tempo. Coisa difícil de imaginar para o mundo atual.

As classes arrumadas em estilos conferência, logo se enchiam de alegres alunos pela manhã e à tarde. As carteiras tinham formatos diferentes, mais amplas e o saudoso quadro de giz era o recurso didático mais usado.

Com a divulgação das idéias de Carl Rogers, as carteiras foram dispostas em alegres e produtivos círculos e as aulas foram invadidas pela metodologia da Dinâmica em Grupo.

O *campus* do Benfica era tranqüilo. Ainda não vivíamos esse reinado da insegurança. Podíamos lanchar nas cantinas das Casas de Cultura e deixar nossos pertences nas carteiras.

Havendo deixado a disciplina rígida do Colégio Justiniano de Serpa, onde estive por dez anos, com a vida regulada por horários e vigiada por bedel, a liberdade na FACED era um sonho. Estávamos em 1968, tempos difíceis, por causa de rigidez e censuras, mas éramos jovens e inocentes de consequências e nosso objetivo era estudar.

A FACED foi assim definida por uma colega de classe – “Se não fosse esta Faculdade não sei como suportaria as pressões (da família), aqui é o lugar onde a gente esquece as tristezas e recarrega as energias”. E era mesmo. O clima de amizade, a compreensão dos professores era muito bom para nossa juventude criada na “lei de Chico de Brito”, a qual nossos pais seguiam como a um guru. Nunca descobri quem foi o célebre autor desta lei, mas sinto que ela está em falta nesse mundo de hoje, onde os filhos sem disciplina e sem força arruinam juventudes à falta de diretrizes.

Quanto a mim, criei meus filhos segundo Alexander S. Neill e sua Liberdade Responsável, até isso foi presente da minha velha FACED...

Os nossos professores eram velhos ou jovens, mas todos eram jovens espiritualmente e entusiasmados pelo que faziam. Alguns faziam linha dura, mas era sem perder a ternura jamais! Havia nesse modelo um dedicado grupo: a querida Dra. Zélia, a saudosa D. Lirêda, a valente D. Lúcia Dallago. Havia os facilitadores rogerianos, os psicólogos, os padres (Luis Moreira e Pe. Frota) e os jovens ex-alunos e docentes iniciantes (Terezinha Maciel, Ivoni Sá). Toda essa gente nos "apertava" com carinho e persistência para produzirmos trabalhos avaliados com NPC (nota parcial de conhecimento, eram três!) NTI (nota de trabalho individual), NEF (nota de exame final) e ainda nos julgavam ao final do semestre (NJF).

A gente sofria, mas adorava aquele trabalho todo! Aos trabalhos eram feitas exigências – ao menos 15 consultas e 20 páginas – e o então jovem Anchieta Esmeraldo Barreto nos ensinou Metodologia Científica para deixarmos de escrever trabalhos infantis. Sua aliada, a maravilhosa Fernandina Fernandes Lino, veio da biblioteca para dar rumo científico às nossas citações e tudo ficou mais fácil.

O currículo era rico e interessante. Havia experiências de laboratório com direito a caixa de Skinner. Estas aulas do Professor Amaral Vieira eram excelentes. Sempre me interessei por Psicologia e então tínhamos Introdução à Psicologia, Psicologia da Criança, Psicologia do Adolescente e a da Aprendizagem, a Psicopatologia (com o Professor Leonel Correia Pinto – o velho Leonel e o método Gestáltico Fenomenológico Existencial- GFE) e da Personalidade (com o nosso querido Adil Dallago, que era um misto de pai e orientador educacional). Havia muito de administração escolar com a excelente regência de Dona Lirêda Facó e Ivoni Sá. E os ensinamentos se chamavam metodologias, sob o comando de Maria Teresa Albuquerque. Tivemos até uma *Teacher* dos EUA – a Professora Marian Johnson – do Corpo da Paz, cujas aulas era um número, pois elas eram num português terrível, dado com a ajuda dos alunos, resultando em genética de cruzamento de gado, sendo chamado de galinha ("esse é galinha

e esse é galinha macho") e que transformava as aulas num show de piadas. Como a disciplina era Biologia Educacional, havia termos como, *menstruacion*, *coraccion* e *ácksidó desoxiribo – nu – cléico!* Só risadas! Mas era bom, e tiramos ótimas notas pois o assunto era fascinante. Foi aí que defini meu interesse por Educação Sexual, produzindo o trabalho "Aparelhos sexuais masculinos e femininos", para escândalos dos colegas que descreviam inofensivos aparelhos circulatórios, estômagos e verminoses. Eu era chocante com a minha "falta de compostura" e atrevimento (um assunto desses!) e sofria *bullying* por isso.

A turma era a maior parte das vezes feminina. No Curso Básico, havia seis rapazes, mas foram para Ciências Sociais. No restante do Curso, eram só mulheres. Em 1970, entrou o único homem – Emanuel José Cabral – que era muito amigo, desenhava bem e era super divertido.

Foram excelentes tempos aqueles na FACED. Fiz amizades, conheci pessoas maravilhosas. Fui bolsista da biblioteca, onde, sob o comando de Fernandina Fernandes Lino e Lilian Pimentel Gomes, trabalhei com Taís, Raimundinha e Odete, todas grandes amigas. Fui aluna de excelentes professores e monitora de Psicologia, com Professor Adil, Professor Sarques, Professor Layrton e Pe. Frota.

Hoje, após 42 anos, olho para trás e tenho saudades, como nas canções daquele tempo em que felizes éramos, mas não sabíamos.

A minha velha FACED cresceu e mudou; é a lei da vida. Os antigos professores se aposentaram, alguns faleceram. Todos deixaram saudades. Afinal, sou uma romântica incurável e isso é ótimo.

Minha velha turma se separou, nunca mais vi as colegas. Talvez a maioria já se aposentou. Eu, que temia ser professora, saí para ser jardineira, mas desisti e, após três anos pelo *campus* da Faculdade de Filosofia Católica (Seminário da Prainha) e Unifor (anos 2 e 3), voltei à FACED em 1975, como professora.

Não sei se isso foi bom para a FACED. Para mim, foi tudo. Foi uma vida retribuindo o que recebi. São 38 anos de trabalho. Em breve serei aposentada, porém, a FACED sempre terá um lugar na minha memória e no meu coração.

*Teresa Maria Monteiro Pereira*



Profª Lindyr Saldanha Duarte, Aluna no período de 1968 a 1971 e atualmente Profª adjunta II Depto. de Fundamentos da Educação.